



SIEESP

ANO 23 • N° 255

JUNHO • 2019



PUBLICAÇÃO MENSAL DO SINDICATO DOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO NO ESTADO DE SÃO PAULO

ESCOLA PARTICULAR



Conteúdo Viral e Fake News

COMO AGIR PARA QUE ASSUNTOS PREJUDICIAIS AOS MENORES NÃO GANHEM MAIS EVIDÊNCIA

Destaque: Congresso Bett Educar 2019





A EDUCAÇÃO DOMICILIAR SUBSTITUI A ESCOLA?

A educação domiciliar, ou “homeschooling”, é uma modalidade de ensino que oferece às crianças e adolescentes o estudo, em casa, dos conteúdos que se aprende na escola num contexto de aprendizagem diferente do que se encontra no ambiente escolar. Os dois modelos mais comuns de educação domiciliar são famílias que contratam professores particulares e pais que se unem para dividir o ensino de determinadas matérias. Em alguns casos, a escola corrige e avalia a aprendizagem dos alunos ao final de cada período letivo.

A educação domiciliar é realidade em países como os Estados Unidos, França, Rússia, Inglaterra e Portugal. No Brasil, alguns pais fazem pressão para que tal prática seja legalizada. Segundo o De-

partamento de Educação americano, em 2016 havia 1,77 milhão de alunos de 5 a 17 anos, ou 3,4% da população em idade escolar do país estudando em casa. Na Rússia, entre 2008 e 2012, teria ocorrido ampliação de 900% nas práticas de homeschooling. Na Alemanha e na Suécia, a prática da educação domiciliar é proibida e considerada crime. Há inúmeros casos de famílias que foram multadas e pais que foram presos por não enviarem os filhos à escola.

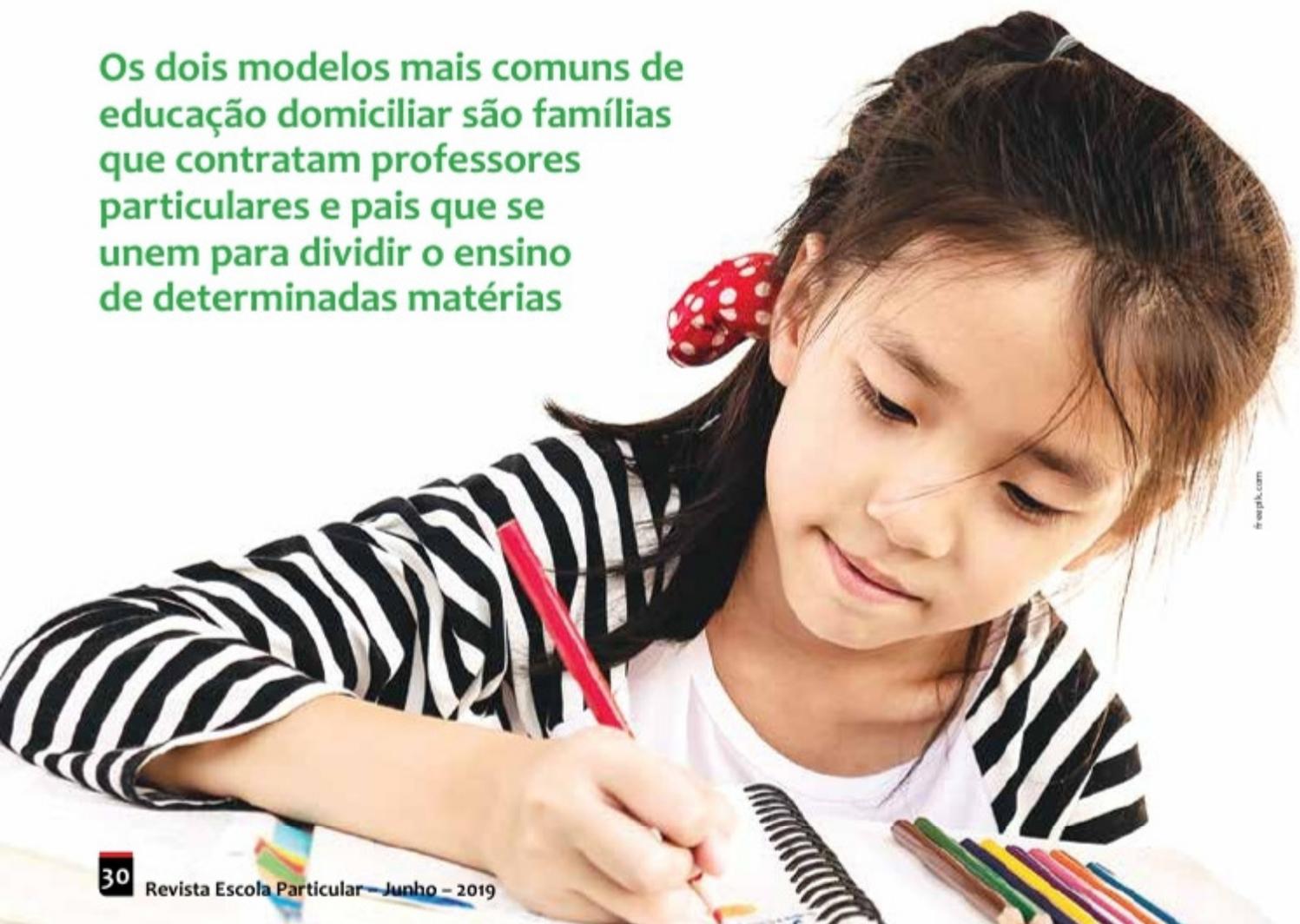
No Brasil, a modalidade vem ganhando adeptos. Segundo a Associação Nacional de Educação Domiciliar (Aned), há 7 mil famílias ensinando seus filhos em casa em nosso país. Diante de tal crescimento e da viabilidade de oficialização dessa situação, é urgente uma discussão

sobre os prós e contras deste tipo de modalidade de ensino.

A “desescolarização” foi defendida pela primeira vez por um professor da Universidade de Harvard chamado John Holt (1923-1985). Ele implementou a experiência da educação domiciliar aos seus filhos por ter fortes críticas às reais potencialidades da escola enquanto instituição educadora. Holt liderou, entre os anos 60 e 70 do século 20, um movimento internacional pela divulgação e legalização do ensino doméstico.

Dentre os argumentos mais usados pelas famílias que defendem o homeschooling, encontramos motivações que vão desde a rotina da família até o desejo de proteger ao máximo seus filhos. As pesquisas apontam quatro

Os dois modelos mais comuns de educação domiciliar são famílias que contratam professores particulares e pais que se unem para dividir o ensino de determinadas matérias



Segundo os adeptos da modalidade, educar seus filhos em casa garantirá a conservação de valores culturais, ideológicos e religiosos

principais argumentos favoráveis à educação domiciliar:

- A vantagem de poder acompanhar de perto o desenvolvimento escolar dos filhos (embora a afirmação contenha em si mesma uma contradição) e terem a oportunidade de ficar mais atentos a possíveis problemas de aprendizagem. Segundo alguns pais, a escola regular tem salas de aula muito cheias, o que inviabiliza o acompanhamento individual.

- Outro argumento favorável é proteger as crianças do *bullying* e das drogas. Muitos pais que defendem o *homeschooling* enfrentaram situações que geraram traumas nas crianças, ou que as colocaram em situação de risco, e argumentam que seus filhos não querem voltar para a escola.

- A flexibilidade de horário também é apontada como uma vantagem. As dificuldades crescentes na mobilidade urbana são indicadas como um grande desgaste para as crianças e para os pais que perdem muitas vezes horas com o deslocamento.

- As famílias também acreditam que, por meio da educação domiciliar, as crianças aprenderão num ambiente livre de pressões e comparações, o que as fariam aprender de forma mais prazerosa e efetiva, experimentando modelos metodológicos que se adaptem ao seu ritmo de aprendizagem.

- Segundo os adeptos da modalidade, educar seus filhos em casa garantirá a conservação de valores culturais, ideológicos e religiosos, o que é, segundo os pais, posto em risco diante da desmedida pluralidade e “tendenciosidade” das escolas em geral.

Poderíamos contrapor cada uma dessas aparentes vantagens da educação domiciliar por meio de vários argumentos, mas preferimos listar, da mesma forma, os argumentos mais apontados como contrários à ideia.

- A didática de ensino é dever da escola e acontece de forma integrada com outros processos, possuindo uma rotina programada que o ensino domiciliar não é capaz de acompanhar, por mais bem estruturado que seja.

- O pressuposto da família é que como o adulto já frequentou a escola e sabe mais do que a criança, logo pode ensiná-la, o que é uma premissa falsa já que a mediação didática é uma competência específica do professor e exige conhecimentos técnicos especiais.

- A relação emocional entre pais e filhos gera tensão que muitas vezes é prejudicial ao controle emocional de uma criança ou de um jovem para que aprenda com segurança e tranquilidade. O argumento de que o *homeschooling* apresenta um clima mais tranquilo e livre de pressões para a aprendizagem da criança é falso em muitos casos, tendo como base o nível crescente de



projeção que muitos pais realizam nos filhos, como forma de legitimar seu sucesso enquanto educadores efetivos.

- A confusão do papel pai/professor, mãe/professora tende a confundir a criança no estabelecimento de uma relação saudável entre duas formas de poder: uma privada, individual, que é a dos pais; e outra pública, coletiva e normativa, que é a do professor. Essa distinção é essencial e facilita a vivência e a convivência no mundo do trabalho.

- Já sabemos que aprender individualmente não é mais eficaz do que

aprender em interação com outras crianças. A interação social potencializa a aprendizagem, na medida em que amplia o repertório simbólico e de valores. A vivência com as diferenças (mesmo as conturbadas e difíceis) prepara a criança e o adolescente para a vida em sociedade que é plural, diversa, contraditória e, muitas vezes, difícil.

- No ensino domiciliar, as crianças e jovens aumentam em muito a possibilidade de ficarem reféns dos valores, crenças e atitudes de seus pais e familiares, diminuindo as chances de



Há um tipo de aprendizagem que só acontece na escola, a que pressupõem a relação cotidiana entre pares e todas as contradições e pluralidades que essa relação acarreta



freepik.com

um processo de crescimento e amadurecimento livre que permita a autoelaboração de um projeto legítimo de vida.

- Em praticamente todo o mundo, a ida de crianças e adolescentes à escola é obrigatória. Esse fato é resultante da crença de que a escola é um mecanismo corretor das desigualdades sociais, ou seja, é um instrumento de equalização social, de nivelamento de oportunidades. Nesse contexto, o ensino doméstico representa um retrocesso, na medida em que não democratiza as oportunidades. Não é difícil concluir que as famílias de classe socioeconômica mais alta têm muito mais condições de promover o ensino doméstico do que as das classes mais pobres.

O Ministério da Educação (MEC) e juízes de primeira e segunda instância já se posicionaram contrários à prática do *homeschooling*. De acordo com as leis brasileiras, deixar de matricular crianças na escola fere o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e a própria Constituição. Como, no Brasil, não existe regulamentação

com relação a essa prática, não temos leis que autorizem ou que proíbam a educação domiciliar. A Constituição de 1988 garante que a educação, “direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. A Constituição prevê, ainda, que deve ser garantida “educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria”.

Cabe também ressaltar que nos países onde a prática é regulamentada, a escola continua sendo a balizadora da aprendizagem, pois é exigida uma avaliação periódica dos alunos educados em casa, na qual eles precisam provar que desenvolveram as competências relativas às séries a que correspondem suas faixas etárias. Em geral, os testes avaliam as capacidades dos estudantes de responder perguntas, fazer deduções com base em suas observa-

ções, de raciocinar logicamente, usar computadores, avaliar riscos, otimizar recursos e produzir um trabalho final.

Por fim, posicionando-me sobre o assunto, se a criança não se adapta à determinada instituição de ensino os pais devem buscar soluções para resolver o impasse com a escola, e não simplesmente optar pela educação domiciliar. Há um tipo de aprendizagem que só acontece na escola, a que pressupõem a relação cotidiana entre pares e todas as contradições e pluralidades que essa relação acarreta. Entre essas aprendizagens estão a capacidade de argumentação, de ouvir o outro e convencê-lo sobre uma perspectiva, de perceber que regras valem para todos e, até mesmo, aprender a se defender. Enfim, é na escola que se ensaia a vida em sociedade. ●



JÚLIO FURTADO

Mestre e doutor em educação.
www.juliofurtado.com.br